

Demanda Continua

Continued demand paper



TRADUÇÃO E LETRAMENTO ACADÊMICO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DO PROCESSO TRADUTÓRIO DO PAR LINGUÍSTICO LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS

Translation and academic lettering: a methodological proposal for the translation process of linguistic pair Portuguese language/libras

Jonatas Rodrigues Medeiros¹

RESUMO

O atual contexto da educação inclusiva no Ensino Superior permitiu significativo aumento da presença das pessoas surdas nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Paraná. A perspectiva educacional bilíngue no Ensino Superior aponta uma demanda significativa ao tradutor intérprete de Libras como um dos protagonistas para assegurar o processo inclusivo, por meio da acessibilidade linguística nas atividades (extra)curriculares das instituições de ensino. Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo geral contribuir com a descrição de me-

ABSTRACT

The current context of inclusive education in higher education has allowed a significant increase in the presence of deaf people in undergraduate and postgraduate courses at the Federal University of Paraná. The bilingual educational perspective in higher education points to a significant demand for the interpreter translator of Libras as one of the protagonists to ensure the inclusive process, through linguistic accessibility in (extra) curricular activities of educational

¹ Tradutor Intérprete de Libras da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Letras Libras sob orientação da professora Dr^a. Sueli Fernandes. jonataslibras@ufpr.com.br.

todologia para tradução de artigo científico a para comunidade surda acadêmica da Universidade Federal do Paraná (UFPR); os objetivos específicos se desdobram em descrever e analisar características da composicionalidade desse gênero, traduzido à luz do letramento bilíngue. Na revisão de literatura percorremos o campo da Análise Textual em Tradução (NORD, 2016), os Estudos de Gêneros Textuais (MARCUSCHI, 2002, 2003) e as pesquisas em Letramento Bilíngue para Surdos (FERNANDES, 2003). A metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa descreve etapas do processo tradutório, apresentando os procedimentos metodológicos adotados na tradução de um artigo científico em português traduzido em Libras no suporte de vídeo: compreensão e internalização do texto-fonte, análise crítica pré-tradutória e materialização do processo tradutório. O processo de tradução prioriza recursos semióticos de composição verbais e não-verbais na produção da sinalização, de modo a priorizar a experiência visual dos estudantes na leitura do texto. Como resultados, apontamos a importância de compreender as características composicionais e discursivas de gêneros textuais sinalizados em Libras para o processo de tradução de textos e materiais bilíngues, promovendo o letramento acadêmico dos estudantes surdos da graduação e da pós-graduação.

PALAVRA-CHAVE

Tradução Língua Portuguesa-Libras; Metodologia de tradução em videolibras; Letramento bilíngue; Surdos; Ensino Superior.

institutions. In this context, the general objective of this research is to contribute to the description of the methodology for the translation of a scientific article to the academic deaf community of the Federal University of Paraná (UFPR); the specific objectives of this paper are to describe and analyze the characteristics of this genre translated into the light of bilingual literacy. In the literature review we explored the field of Textual Analysis in Translation (NORD, 2016), the Studies of Textual Genres (MARCUSCHI, 2002, 2003) and the researches in Bilingual Literacy for the Deaf (FERNANDES, 2003). The research methodology of qualitative approach describes stages of the translation process, presenting the methodological procedures adopted in the translation of a scientific article in Portuguese into Libras in the video support: understanding and internalisation of the source text, pre-translational critical analysis and materialization of the translation process. The translation process prioritizes semi-otic compositional resources, verbal and non-verbal, in the production of signaling in order to prioritize students' visual experience in reading. As results, we point out the importance of understanding the compositional and discursive characteristics of textual genres signaled in Libras for the process of translation of bilingual texts and materials, promoting the academic literacy of deaf undergraduate and graduate students.

KEYWORDS

Translation Portuguese-Libras; Methodology of translation in videolibras; Bilingual literacy; Deaf people; Higher education.

Introdução

O atual contexto da educação inclusiva no Ensino Superior permitiu significativo aumento da presença das pessoas surdas nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Paraná. O Decreto Federal 5626/2005 que regulamenta a Lei 10.436/2002 posiciona em uma de suas diretrizes o direito à educação bilíngue para surdos, possibilitando acesso a todos os conteúdos curriculares em Libras como língua principal (ou primeira língua), seguido do aprendizado da modalidade escrita do português como segunda língua, o que em tese, assegura o direito linguístico dos surdos em terem a Libras como língua de instrução e interação.

Essa perspectiva educacional bilíngue no Ensino Superior aponta uma demanda significativa do tradutor intérprete de Libras como um dos protagonistas para assegurar o processo inclusivo da acessibilidade linguística nas atividades curriculares e extracurriculares das instituições de ensino. A atuação desse profissional se configura principalmente na interpretação em sala de aula e na tradução de materiais que circulam no âmbito acadêmico. Ronai (2012) explica que a tradução e a interpretação são atividades com características distintas: a interpretação é forçosamente improvisada, limitada ao tempo, à rapidez e ao ritmo do momento, exigindo uso excepcional da memória; a tradução pode ser realizada com menos limitação no tempo e espaço, sem a espera de reação imediata. A tradução envolve em síntese o registro (materialização) da ação tradutória e o tempo necessário para as escolhas e a formulação do texto em língua-fonte para o texto em língua-alvo.

Neste trabalho, voltamos nossa atenção à atividade de tradução como recorte de pesquisa, por ainda ser uma área incipiente o campo de atuação do Tradutor de Língua de Sinais e por ampliar as investigações dessa esfera para a constituição e defesa dessa atividade no espaço acadêmico. O objeto de pesquisa deste artigo provém das demandas das traduções solicitadas pela comunidade surda acadêmica da Universidade Federal do Paraná desde a criação do curso de Licenciatura em Libras, em 2015. Em investigações anteriores, Medeiros e Fernandes (2016, 2018) apontam a necessidade de circulação de materiais traduzidos para a Libras como um aspecto de extrema importância nas políticas inclusivas para a autonomia acadêmica do estudante surdo. Dessa forma, a delimitação do tema de pesquisa aproxima três áreas de pesquisa: Estudos de

Tradução, Estudos em Gêneros Textuais (linguística textual) e Letramento bilíngue para Surdos.

Nosso problema de pesquisa concentra-se em analisar quais seriam as contribuições metodológicas do letramento bilíngue na composição de traduções em Libras no suporte vídeo? Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo geral contribuir com a descrição de metodologia específica para a tradução e a produção de materiais bilíngues para a comunidade surda acadêmica da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Partimos da hipótese de que uma proposta metodológica para o processo tradutório (Língua Portuguesa/Libras) com princípios do letramento bilíngue pode contribuir para a metodologia de tradução de textos escritos em português para textos em videolibras, promovendo o acesso aos gêneros textuais acadêmicos sinalizados no processo educacional de surdos no Ensino Superior. Consideramos os estudos de letramento bilíngue para surdos (FERNANDES 2003, 2011) e os estudos de gêneros textuais (MARCUSHI 2002, 2003) para descrever procedimentos adotados na tradução de um artigo científico em Libras, resultando em uma proposta de metodologia para o processo tradutório Língua Portuguesa/Libras.

Tal pesquisa se mostra relevante devido à existência de poucas produções acadêmicas sobre o processo metodológico na tradução para videolibras. O pesquisador e tradutor Segala (2010) aponta procedimentos adotados para a tradução intermodal intersemiótica da tradução em Libras para o ambiente acadêmico; em seu trabalho são elencados importantes procedimentos para os processos tradutórios tanto de cunho técnico quanto relativos aos aspectos linguísticos.

Galasso, *et al* (2018), descrevem um importante processo metodológico de produção de materiais bilíngues desenvolvido no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) pelo Núcleo de Educação Online (NEO); o trabalho dimensiona uma estrutura com equipe multidisciplinar na produção dos materiais didáticos, envolvendo professores-autores, tradutores, desenhistas, roteiristas, animadores, editores e equipe de filmagem.

Outro trabalho importante no campo é apresentado por Rigo (2018), que comenta exemplos de soluções de tradução em Libras empregados pelo uso de elementos do designer editorial em textos acadêmicos. A autora elege duas

etapas para o fazer tradutório, sendo a primeira a Produção do Texto Traduzido e a segunda a Produção do Registro do Texto Traduzido.

Esta pesquisa se diferencia dos trabalhos citados por apresentar uma descrição metodológica com vistas ao letramento acadêmico dos estudantes surdos a partir da composicionalidade de elementos semióticos (verbais e não-verbais) na constituição dos enunciados sinalizados em videolibras no processo tradutório.

A presente investigação parte dos dados obtidos em pesquisas anteriores, realizadas pelo Programa de Iniciação Científica (UNESP, 2016), intituladas “Acessibilidade em Libras no Ensino Superior: contribuições ao letramento acadêmico de estudantes surdos no Ensino Superior”² e “Tradução e Letramento Acadêmico: Gêneros Textuais”³, ambas orientadas pela Professora Doutora Sueli Fernandes. Os resultados parciais dessas pesquisas foram publicados sob a forma de capítulo de livro e de artigo em revistas especializadas (MEDEIROS, LEMOS e FERNANDES 2015, 2017; FERNANDES E MEDEIROS, 2017).

1. Desenvolvimento

1.1 Estudos da tradução

A tradução sempre fez parte da nossa história, pelo menos desde o mito de Babel é possível verificarmos práticas tradutória no seio da humanidade. A tradução é também um campo discursivo que produz saberes teóricos-metodológicos em diálogo efetivo com várias outras disciplinas e áreas de conhecimento.

No Brasil, os estudos da tradução mostraram-se expressivos e com filiações a diversas perspectivas teóricas que proliferam em várias (re)interpretações de pesquisadores interessados pelo campo. As várias abordagens não representam necessariamente um campo científico, mas sim uma miríade de perspectivas sobre a tradução e seus derivados multidisciplinares, apresentando assim sua flexibilidade epistemológica. Pesquisadores da área apontam a tradução como campo múltiplo (FROTA, 2007), polissêmico (SOUZA, 1998) plural e heterogêneo (BERMAN, 2009).

² Projeto de pesquisa científica com financiamento OBEDUC/Capes – 2016. UNESP. Projeto n. 8224 – Edital n. 49/2012.

³ Projeto de Iniciação Científica e Integração Acadêmica da Universidade Federal do Paraná – Edital 2017/2018. PIBIC Voluntário.

Em uma análise das produções no campo da tradução no Brasil, Frota (2007) demonstra considerável expansão no último decênio no que tange à diversidade de objetos que investigam as diversas perspectivas e suas variadas metodologias. Uma terminologia possível para a aglutinação das produções dessa área é o que se denomina “Estudos da Tradução”, área que busca ter a tradução como objeto próprio da sua disciplina. O estudo da tradutologia apresenta-se como uma ramificação dos estudos da tradução que se baseia na reflexão do ato tradutório a partir da natureza da sua experiência, asseverando que a tradutologia não é um discurso fechado, visto que as áreas das traduções não são fechadas, mas fragmentadas e intersticiais (BERMAN, 2009). Sob essa perspectiva, a tradutologia não reivindica o *status* de ciência, mas se posiciona como saber autônomo, multidisciplinar e dialógico, entendendo-se como espaço não unificável e de teorias não universalizantes.

Compreendendo a interdisciplinaridade dessa pesquisa com outros campos teóricos como gêneros textuais e letramento, nos aproximamos de alguns pressupostos teóricos de Nord (2016) que traz uma perspectiva da análise textual em tradução, tomando o texto a ser traduzido como comunicação interativa.

A perspectiva funcionalista da análise textual em tradução apresentada por Nord (2016) implica, conforme Polchlopek, Zilpser e Costa (2012), quatro questões básicas, 1) pra quem eu quero dizer isso (função comunicativa da mensagem); 2) por que quero dizer isso (intenção pragmática); 3) como vou dizer isso (estrutura que serve a essa intenção) e 4) para quem eu digo isso (interlocutor). Ou seja, o processo que serve a um determinado interlocutor.

Nas considerações de Nord (2016), a tradução é sempre realizada para uma situação-alvo com seus fatores determinantes (receptor, tempo e lugar de recepção entre outros), em que o texto alvo deve supostamente preencher uma determinada função que pode e, realmente, deve ser especificada antecipadamente.

Seguindo as percepções de Bezerra (2015, p 237), em uma ótica bakhtiniana, a tradução é um diálogo de sujeitos da criação e, por consequência de culturas. Sendo assim, o tradutor é um profissional especializado na escuta de vozes presentes no texto, buscando sempre a compreensão das suas filiações discursivas.

O processo dialógico⁴, portanto, pressupõe que o produto da tradução jamais será monológico, mas sim a interação de pelo menos duas enunciações, já que a reenuniação é de natureza do próprio ato tradutório. Sobral (2008) coloca dessa maneira que o que o tradutor cria, por meio de novo discurso produzido, é uma nova forma de relação discursiva: traduzir é rediscursivizar, transpor e transcriar um discurso em outro discurso.

Nascimento (2013) posiciona-se afirmando que nessa concepção devemos encarar a tradução como ato enunciativo-discursivo a partir da perspectiva dialógica do estudo da linguagem, o que significa que é necessária a materialidade produzida neste ato como um enunciado concreto, de uma dada cadeia de comunicação discursiva. Bakhtin (2015) dessa maneira coloca que os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Isso exige do tradutor um processo de leitura muito mais atenta às diversas vozes e posições apontadas no texto-fonte, e é dentro dessa reflexão que Sobral (2018) demonstra que a leitura do tradutor é marcada pela busca das maneiras como o texto cria sentido e isso envolve uma tríplice leitura num deslocamento entre as percepções do leitor, do autor e do tradutor.

O tradutor, é que é um leitor das profundezas, dos subterrâneos da criação de efeitos de sentido [...] a leitura de autor que o tradutor também faz vai além da leitura de tradutor e de leitor, e as incorpora: trata-se de se por no lugar do outro, de co-autorar com ele em uma outra língua [...] o tradutor faz assim uma tripla leitura. (SOBRAL, p. 118; 2018).

Ainda para Sobral (2008), o tradutor busca ler o dito e o modo de dizer e os recria na outra língua, e é essa leitura de sentido que faz com que sua atividade esteja sempre sujeita ao discurso e não apenas em específico ao texto, observando em qual dada situação o texto foi produzido e em que dado contexto (SOBRAL, 2008).

Conforme nos explica o autor, os discursos se realizam de acordo com os gêneros, formas típicas relativamente estáveis de estabelecer relação entre interlocutores num dado ambiente social. Fiorin (2016) posiciona que os gêneros unem estabilidade e instabilidade, permanência e mudança, além

⁴ Numa leitura bakhtiniana, o texto será sempre permeado por um diálogo com outras vozes que subjazem o texto-fonte e o ato tradutório. O processo dialógico da tradução é, portanto, compreendido como uma relação ativa do tradutor e a leitura da amplidão dos discursos inerentes ao texto.

de sua riqueza e sua infidelidade, sendo ainda os gêneros meios de apreender a realidade.

Nesta seção, discutimos o conceito de tradução e sua característica multidisciplinar, explorando alguns pontos levantados pela tradução na vertente funcionalista e a visão dialógica da linguagem. As discussões relativas aos gêneros textuais merecem algumas reflexões teóricas mais concisas quando pensadas no processo de tradução em Libras, razão pela qual aprofundaremos o debate na seção seguinte.

1.2 Tradução intermodal e gêneros textuais em Libras

A diferença na modalidade de registro em língua de sinais é permeada por algumas especificidades. A produção de um texto sinalizado em videolibras é uma experiência próxima e distinta do processo de escrita. Próxima, devido à sua sistematização, organização e materialização. Distinta, porque sua produção se dá na (corp)oralidade, na exposição de um momento que materializa o resultado de uma tradução prévia, porém registrada em um momento único da atuação frente às câmeras.

Tratar a tradução em videolibras materializada como texto implica atermo-nos também às questões inerentes à composição presentes no texto, devendo então verificar sequências delimitáveis em uma determinada tipologia, ou seja, em suas sequências textuais, que se caracterizam por uma organização interna (DIAS, *et al*, 2011).

A possibilidade de tratar o vídeo em língua de sinais como texto deriva também das Normas Surdas de Tradução apresentadas por Stone (apud SOUZA, 2013), que salienta que

[...] é possível haver tradução de textos escritos para línguas de sinais, textos esses que, ao serem traduzidos, são re-textualizações orais em sinais e performáticas, que, por sua vez, dispõem de normas, que revelam elementos identitários e culturais Surdos, próprios de procedimentos entre línguas de modalidades diferentes. (STONE, 2010 *apud* SOUZA, 2013, p.154).

MARQUES e OLIVEIRA (2012) enquadram a produção em videolibras como uma forma de produção escrita, alargando o conceito teoricamente tão cristalizado. Essa perspectiva se deve ao formato de instrumentalização necessário para tal registro. Para os autores, a evidência primeira das produções

de vídeos em língua de sinais são constatações de uma modalidade de escrita disponível às pessoas surdas com a inovações tecnológicas; o conceito de escrita deve ser ampliado, considerando principalmente a diferença de modalidade da língua de sinais e o acesso ao conhecimento às pessoas surdas, de modo que os estudantes surdos possam produzir os textos acadêmicos que fazem parte de sua formação em Libras. (MARQUES e OLIVEIRA, 2012).

As especificidades da intermodalidade desse tipo de tradução, as quais trabalharemos melhor adiante, requerem algumas atenções teóricas e metodológicas que permeiam algumas pontuações acerca dos gêneros textuais

ALBRES (2016), pesquisadora no campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação da Língua de Sinais no Brasil, enfatiza que o tradutor precisa compreender em qual gênero discursivo o texto que pretende trabalhar é caracterizado, pois a tradução deve provocar prazer estético para a leitura. Para a autora, o gênero conto (impresso), por exemplo, que contém ilustração deve considerá-la um elemento bastante característico, que facilita a leitura sendo parte integrante da obra, não podendo ser desprezada pelo tradutor de língua de sinais na tradução em vídeo.

Dessa forma, podemos apelar que uma leitura importante sobre o material a ser traduzido deva passar por reflexões que sustentem sua composição linguística em observância de suas questões materiais (estética e de mídia) e suas possibilidades de aprimoramento na materialização em vídeo.

Nesse sentido é que entendemos que o processo de tradução deve constatar acuidade além das unidades linguísticas, observando primordialmente os sentidos, a cultura e as questões imbricadas no gênero discursivo. Conforme Nord (2016), as normas dos gêneros não só variam de uma cultura para outra como também são sujeitas a mudanças históricas, cabendo ao tradutor cercar todos os elementos do texto para apropriar-se mais precisamente de todo o enredo discursivo do texto.

No suporte vídeo, podemos observar questões inerentes à possibilidade que os recursos tecnológicos podem oferecer à composição de um determinado gênero textual em Libras, vertendo resultados pertinentes às possibilidades que o suporte e a mídia permitem.

Quadros (2002) observa que o trabalho de tradução do português escrito para a Libras contempla especificidades devido à modalidade visual-

-espacial que caracteriza as línguas de sinais, estando relacionada não apenas ao processo tradutório, mas também aos recursos tecnológicos necessários ao registro e à socialização dos textos.

Sendo assim, o tradutor de língua de sinais precisa também estar atento às características do suporte à qual sua tradução será locada. Tomamos o conceito de Marcuschi (2003), que entende como “suporte” de um gênero o lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Para o autor, o suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa, e mostra um texto.

Reconhecemos, assim, o vídeo como um suporte que aloca uma variedade de gêneros em Libras. Isso se torna relevante principalmente se enxergarmos as potencialidades dos recursos tecnológicos de edição para a produção de vídeo em Libras. O tradutor consciente desse suporte, tomando o texto numa perspectiva dialógica, pode contribuir de forma significativa para o acervo de materiais em Libras que percorrem características específicas de um texto produzido em videolibras.

Na tradução intermodal do português escrito para a língua de sinais em videolibras há uma potencialidade na exploração de elementos visuais combinatórios com a modalidade das línguas de sinais. Segala e Quadros expõem que

Parece que esses elementos visuais entram para a língua de sinais de uma forma tão produtiva que exigem uma revisão da separação entre os tipos de tradução interlingual e intersemiótica, assim como intermodal. Esses tipos de tradução se sobrepõem no texto em Libras, pois trazem elementos linguísticos combinados com elementos essencialmente visuais que apresentam também componentes linguísticos, no caso das descrições imagéticas, mas combinados com elementos não verbais, no sentido de não se enquadrarem na linguística convencional. (SEGALA e QUADROS, p.365, 2015).

Nascimento (2012) analisa o gênero jornalístico na esfera televisiva, derivado do questionamento de que os elementos visuais⁵ colaboram e podem interferir na interpretação nesse gênero, já que são elementos que afetam as escolhas tradutórias e a construção lexical e sintática na interpretação desse gênero.

⁵ O autor citado utiliza em suas pesquisas o conceito “verbovisual”, o qual denomina a dimensão do enunciado na combinatória de materialidade verbal e visual (não-verbal).

Sabendo que as produções em Libras se inscrevem também em determinados gêneros discursivos e se estruturam relativamente em determinadas composições textuais, podemos explorar as potencialidades de recursos na produção de uma tradução em videolibras, permitindo maior liberdade de criação e de movimento. Segala (2010) aponta que

[...] a tradução de um texto em Libras (língua visual-espacial) para um texto em português (língua oral-auditiva) ou vice-versa, envolve uma tradução interlingual permeada pela tradução intersemiótica e pela tradução intermodal (SEGALA, 2010 *apud* SEGALA e QUADROS 2015 p. 359).

Os autores abordam ainda outras características inerentes às especificidades da intermodalidade na tradução para a língua de sinais, observando também a interdisciplinaridade presente nessa forma de registro, já que outros profissionais são convidados a pensar e a refletir nas possibilidades de composição de um texto em videolibras. Os diálogos não-verbais, as escolhas de plano e de enquadramento, assim como os recursos de edição e de programação visual trazem uma polifonia⁶ de conteúdo que podem contribuir para uma tradução dialógica.

Para Nord (2016), signos oriundos de outros códigos não linguísticos, empregados para suplementar, ilustrar, desambiguar ou intensificar a mensagem do texto, são chamados de “elementos não verbais” (por exemplo, fotos, ilustrações, logos, fontes especiais de impressão etc.). Nesse sentido, é importante distinguir os elementos não verbais que acompanham o texto (por exemplo, layout, gestos) daqueles que complementam o texto (por exemplo, tabelas, gráficos). Nas palavras de Nord (2016), às vezes, os elementos não verbais transmitem informações até mais relevantes para o leitor do que a própria mensagem transmitida no texto. A pesquisadora ainda ressalta que, no processo de tradução, o tradutor pode achar que às vezes é necessário trocar um elemento não verbal por um elemento verbal, ou vice-versa.

Sob essa ótica, relacionamos a tradução para a língua de sinais que pode ser vista como forte tensionadora de perspectivas de letramento, isso porque a inventividade do tradutor, estabelecida por um plano de trabalho com vistas à composicionalidade do suporte vídeo e às tecnologias computacionais, pode

⁶ Polifonia compreendida como um mundo de vozes plenevalentes em relações dialógicas infinitas (FARACO, 2009).

auxiliar significativamente a leitura do texto sinalizado. Para Zumpano (2005), a interlocução com o que a tecnologia constitui parte do letramento de um indivíduo. Isso porque essa forma de leitura amplia a afetividade visual que o sujeito surdo tem na sua leitura de mundo.

Para Nord (2016), se a tradução pretende ser adequada para um determinado propósito, ela deve satisfazer determinados requisitos, os quais são os encargos de tradução.

É o tradutor que, sozinho, tem a competência para decidir se a tradução que o iniciador pede pode realmente ser produzida a partir de um determinado texto fonte — e, em caso afirmativo, de que forma, ou seja, mediante quais procedimentos e técnicas, ela seria mais adequadamente produzida. (NORD, 2016, pg. 29).

Sendo assim, a autora ainda enfatiza que o tradutor como receptor ideal do texto, sendo bicultural, possui competência de transferência que inclui habilidades de recepção e produção do texto, utilizando ferramentas de tradução e a capacidade de sincronizar a recepção do texto fonte para o texto alvo.

Nesse sentido, é fundamental o intérprete sondar as linguagens sobre as quais se propõe a trabalhar em conjunto, observando as possibilidades de criação que tem para uma tradução global do texto e explorando uma reenunciação dos recursos extra texto-fonte incutidos no texto, assim como a utilização da linguagem cinematográfica para a produção de valor semântico na constituição do texto traduzido.

1.3 Metodologia

As reflexões sobre o uso de recursos visuais na relação com o texto foram discutidas nas pesquisas em letramento bilíngue para surdos de Fernandes (2003), que já expunha uma metodologia de ensino de português como segunda língua advertindo aspectos de recursos visuais da linguagem não verbal para a constituição de sentido na educação de surdos. Para a autora, os elementos semióticos (como imagens, filmes, gráficos etc.), dado seu apelo visual, despertam maior interesse nos textos que se vinculam. A mesma perspectiva é descrita na produção de materiais bilíngues de outros gêneros como a prova de vestibular em videolibras (FERNANDES & MOREIRA, 2017).

Para a descrição de uma proposta metodológica de tradução, é necessário destacar que a própria metodologia aqui contextualizada está restrita aos

aspectos subjetivos da investigação processual desta pesquisa, uma vez que o objeto pesquisado é resultado do ofício diário do pesquisador, demonstrando assim sua imersão e sua relação com tal prática.

Nesse contexto, a formulação da pesquisa se dá numa imersão de campo dialético entre a teoria apreendida no processo de formação acadêmica e a atualização da prática do trabalho frente aos novos textos demandados no âmbito do trabalho de tradução da Universidade Federal do Paraná. O dialogismo e a empiria permitiram uma descrição de procedimentos metodológicos, críticas e observações sobre o fazer tradutório. Nas palavras de Flores (2016), “o que acontece com o tradutor é que a teoria e a prática se misturam criando uma cadeia mútua de influências calcadas no experimentalismo, que contém em si o germe da crítica”.

Apresentaremos, nesta seção, as três etapas citadas – 1) *Compreensão e internalização do texto fonte*; 2) *Análise crítica pré-tradutória*; 3) *Materialização do processo tradutório* – a partir da experiência da tradução de um texto-alvo em Língua Portuguesa indicado pelos acadêmicos surdos da UFPR. O título do texto é “O nome dos outros. Reflexões sobre os usos escolares da diversidade”, de autoria de Silvia Duschatzky e Carlos Skliar (2000).

O artigo científico foi solicitado por seis alunos surdos matriculados no curso de Pré Pós da UFPR⁷, diante de seu interesse em apresentar projetos de pesquisa para participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Diversidade, Diferença e Desigualdade Social. O artigo constava da bibliografia indicada para o processo seletivo. Devido à dificuldade de leitura dos estudantes de um texto com um estilo de escrita “poética e robusta”, o pedido veio em regime de urgência e a autorização de tradução foi realizada por e-mail, enviado ao autor Carlos Skliar que, prontamente, respondeu e autorizou a tradução do seu artigo, conforme segue:

Resumo: Os nomes dos outros. Reflexões sobre os usos escolares da diversidade. O travestismo discursivo parece ser uma marca da época. Com a mesma velocidade das mudanças tecnológicas,

⁷ O Pré-Pós é uma iniciativa promovida pela UFPR, por meio de sua Coordenação de Políticas Inovadoras de Graduação (CEPIGRAD), do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE). O curso tem como objetivo preparar candidatos e candidatas para participação em processos seletivos de programas de pós-graduação stricto sensu em nível de mestrado e doutorado.

os discursos sociais se vestem com novas palavras que se acomodam sem conflito às intenções dos enunciadores do turno. Este artigo se pergunta em que medida retóricas de moda como as que reivindicam o multiculturalismo ou a tolerância estão anunciando pensamentos de ruptura a respeito das tradicionais formas de nomear a alteridade. Os autores discutem três versões sobre a diversidade: “o outro como fonte de todo mal”, “o outro como sujeito pleno de um grupo cultural” e “o outro como alguém a ser tolerado” e analisam as implicações de cada uma delas na linguagem escolar.

Palavras-chave: “Travestismo discursivo, diversidade, diferença, discurso educacional”. (SKLIAR e DUSCHATZKY, 2000, 01).

O texto já havia sido lido pelo tradutor na disciplina “Educação bilíngue: políticas e práticas”, ministrada pela professora Sueli Fernandes, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Linha Diferença, Diversidade e Desigualdade Social, disciplina que contava com cinco pesquisadores surdos matriculados. O contexto possibilitou que a leitura fosse situada dentro de um campo epistemológico discursivo e conceitual dos Estudos Surdos em Educação e de pesquisas inseridas no multiculturalismo crítico.

A aplicação da proposta metodológica para o processo tradutório do par linguístico Língua Portuguesa/Libras salienta os movimentos tradutórios com vistas à aplicabilidade da perspectiva do letramento. Vale lembrar que tal descrição se apresenta categoricamente apenas como organização pedagógica, uma vez que a prática sempre mescla e reformula tais ações, o fazer tradutório é passível de modificação, já que o próprio texto demanda alterações no método tradutório.

A partir do exposto, nossa contribuição metodológica é organizada nas seguintes etapas supracitadas: 1) *Compreensão e internalização do texto fonte*; 2) *Análise crítica pré-tradutória*; 3) *Materialização do processo tradutório* (MEDEIROS, LEMOS e FERNANDES, 2015). As duas propostas descritivo-metodológicas não se opõem, mas dialogam e se complementam na tessitura de reflexões sobre o fazer tradutório e suas singularidades.

1.4 Resultados e discussões

1.4.1 Compreensão e internalização do texto fonte

Essa primeira etapa parte do primeiro contato com o texto-fonte e, de forma menos acentuada, do ofício tradutório – obviamente o processo não

escapa do seu objetivo, que já é embutido na leitura que conhece sua função social. Esse momento é destacado por algumas ações essenciais como: leitura do texto-fonte em português; reconhecimento do gênero textual, reconhecimento do estilo de linguagem; anotações de terminologias, conceitos e jargões desconhecidos ou específicos de uma área; leitura e pesquisas complementares, pesquisa em *corpus* de Libras, dicionários internacionais e consulta a pares surdos e intérpretes de Libras.

O rastreio terminológico do texto é realizado pelas palavras mais frequentes e que possuem valor conceitual para a compreensão do conteúdo do texto. Parte dos sinais conceituais criados no processo da tradução é fruto de termos já convencionados no campo acadêmico, ou produzidos na linha de pesquisa Diferença, Diversidade e Desigualdade social na interlocução entre tradutor e pesquisadores surdos.

Importante observar que tais proposições de sinais não são imperativas e nem se propõem como solução conceitual, mas apenas como sinais provisórios, com marcas conceituais de traço visual e movimentação morfêmica de sinais, abertos e disponíveis para reformulações lexicais.

Para as traduções de artigos científicos, utilizamos como base as normas da Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras⁸ para fundamentar a estrutura do texto conforme indumentária para produção de artigo científico (MARQUES E OLIVEIRA, 2015).

Essa etapa se configura como emblemática, tanto para a compreensão do texto em língua-fonte, como para identificar as principais diferenças linguísticas e culturais impostas pelo texto em questão, revelando também em certo ponto o seu grau de complexidade, desnudando aquilo que o tradutor deverá buscar como subsídios para sanar os desafios do seu ofício. A produção, nessa etapa, exigiu diálogo com os estudantes pesquisadores surdos interessados no campo dos Estudos Surdos, assim como com tendências teóricas críticas, pós-coloniais e pós-modernas.

1.4.2 Análise crítica pré-tradutória

Esse momento explora as perspectivas de letramento acadêmico, permitindo ao tradutor uma análise crítica do texto para a língua de sinais,

⁸ Disponível em: <<http://revistabrasileiravlibras.paginas.ufsc.br/>>.

dimensionando o diálogo semiótico e intermodal na composição do texto em videolibras. Nessa etapa, realiza-se a leitura seguida de elaboração de um roteiro de tradução já apontando a inserção de elementos semióticos visuais (linguagem verbal e não-verbal) e definição da relação entre o texto sinalizado e essas inserções imagéticas. Refletimos que esse processo de seleção de imagens, inserções de fragmentos de outros vídeos sinalizados (citações), assim como o destaque a legendas são, em boa medida, de cunho subjetivo e resultam do processo de leitura do tradutor e do conhecimento das referências prévias do público-alvo surdo que vai ter acesso ao vídeo sinalizado. Não há, portanto, uma regra clara para as escolhas, mas a própria leitura do texto em seu cotejo com o conhecimento prévio com o público-alvo é o que permite ao tradutor a segurança para destacar, enfatizar ou esclarecer sentidos, a partir dos recursos semióticos introduzidos.

O roteiro também organiza a ordem da tradução e a numeração dos arquivos conforme os parágrafos e demais elementos estruturais do texto. O roteiro prevê aspectos como:

DESCRIÇÃO
<p>(1) Abertura</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>Inclui logos da instituição e da coordenação do Curso de Letras Libras da UFPR, onde atualmente está lotada a equipe de tradutores da UFPR.</p>

(2) Título



Tradutor recuado ao lado do título do texto em português e sua referência. Cor da camisa rosa para destaque, a escolha se deu em contraste ao fundo escolhido para a edição do fundo do vídeo. A cor azul possibilita uma sensação de formalismo (AZEVEDO, SANTOS e OLIVEIRA, 2000) além de conduzir a calma e a capacidade de concentração (MAHNKE, 1996 *apud* SILVA, 2006).

(3) Nome dos autores



Para o nome dos autores, o intérprete se manteve recuado e utilizou cor de camisa cinza; nome dos autores em destaque.

(4) Sinalário



Os sinais mais conceituais e específicos ou de criação *in loco* são previamente selecionados pelo tradutor para serem gravados separadamente e apresentados no início do vídeo.

(5) Resumo



Resumo em camisa cinza e corpo do texto com camisa preta.

(6) Palavras-Chaves



Traduzido por sinais-chaves, são realizados com tradutor centralizado na tela com camisa na cor cinza; os sinais são acompanhados pela legenda em português.

(7) Corpo do Texto



Seguindo as Normas da Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras, todo o corpo do texto é sinalizado com camisa na cor preta.

(8) Citações



Seguindo as Normas da Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras, todas as citações do texto são sinalizadas com a camisa de cor vermelha.

(9) Nota de Rodapé¹



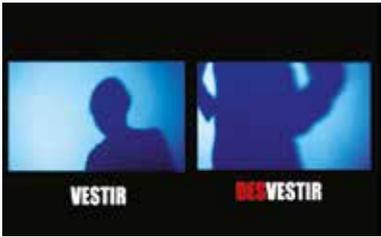
Notas com sinalização do corpo do texto (camisa preta) congelada, inserção de janela de rodapé com fundo amarelo e camisa cinza. Esse modelo de NR é inspirado nas produções dos TCCs sinalizados em videolibras produzidos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Quadro 1 – Descrição da organização da estrutura do texto

No artigo que foi objeto da tradução, as escolhas intencionaram demarcar conceitos que se apresentam com variedades significativas na sinalização e/ou nas ideias representativas com termos específicos ou personagens históricos, assim como autores e lugares centrais na leitura. Nessa etapa, também são selecionados os termos que serão apresentados em português (com legenda) durante a sinalização, como forma de destacar conceitos importantes do texto-fonte. No roteiro de tradução, são previstas também as ordens das cores de camisa para a sinalização.

No quadro 2, ilustramos alguns procedimentos metodológicos descritos nesta seção:

TEXTO ALVO (TRADUÇÃO)	DESCRIÇÃO
<p data-bbox="293 214 512 240">NOTA DE SINALÁRIO</p> 	<p data-bbox="615 214 1097 596">No texto-fonte, alguns conceitos se apresentam como relevantes e estruturantes na constituição da narrativa argumentativa do texto. Entendemos que conceitos da teia textual destacam-se como necessários para estabelecer uma tradução fluida e acordada com o público do texto-alvo. A legenda em português enfatiza o conceito no texto fonte e faz uma ponte com possíveis outras leituras do campo epistemológico discursivo que constrói sua narrativa com a as mesmas bases conceituais e terminológicas.</p> <p data-bbox="615 604 1097 888">No texto trabalhado, foram levantados 20 conceitos fundantes para a leitura do texto entre os quais: multiculturalismo, diversidade, diferença, tolerância, discurso, eufemismo, representação, normalidade, anormal, etnocêntrico, etnia, modernidade, pós-modernidade, alteridade, tradução, Outro, burguesia, epistemologia, ontologia e identidades plurais.</p>
<p data-bbox="345 931 461 957">LEGENDAS</p> 	<p data-bbox="615 931 1097 1405">A utilização da Língua Portuguesa em destaque no momento da tradução acontece quando o texto enfatiza uma problemática da linguagem no uso do prefixo DES da Língua Portuguesa, apresentando o prefixo como um elemento conceitual do discurso crítico do multiculturalismo, dando importância não apenas à sua literalidade, como também à exposição ideológica da tessitura do texto. O destaque colorido do prefixo e as suas variadas composições, com aplicação de legenda em Língua Portuguesa foi importante para demarcar como a diferença se constitui morfologicamente na palavra.</p>

<p style="text-align: center;">VÍDEO</p> 	<p>Na mesma sequência exposta no quadro anterior, para uma compreensão mais efetiva do processo tradutório, o tradutor buscou a utilização de um vídeo para exemplificar um dos conceitos destacados. O vídeo foi um recurso utilizado para uma produção visual que sintetizasse metaforicamente o sufixo DES e sua relação com os conceitos trabalhados anteriormente no corpo do texto. A busca no vídeo foi feita no Youtube – a ideia foi sugerida no momento da construção do roteiro de tradução –, para a gravação do texto e a edição essas inserções já estavam previstas.</p>
<p style="text-align: center;">IMAGENS</p> 	<p>A utilização das imagens como elementos semióticos não-verbais contribui para a constituição da tradução ao encontro da abordagem da pedagogia visual, operando em uma combinação simultânea entre a sinalização e a imagem. No texto-fonte, esse momento contempla termos prioritários conceitualmente ou de variação significativa na sinalização, optando-se por trazer imagens representativas ao contexto de sinalização. As imagens operam na ênfase da produção de sentido do texto, na relação com as descrições sinalizadas em Libras.</p>

Quadro 2 – Descrição de recursos verbais e não verbais

1.4.3 Materialização do processo tradutório

Por fim, a materialização do processo tradutório é constituída por dois momentos. O primeiro, entendido como atuação frente às câmeras (produção), já discutida por Stone (*apud* SOUZA, 2010), como momento compilado entre o ato de interpretação da tradução, já que é o registro último das soluções tradutórias resolvidas entre a primeira e segunda etapa da tradução. A atuação

⁹ Ex. de produção em <https://bit.ly/2MIGPuS> (UFPR) e <https://bit.ly/2UgT6I1> (INES). No texto analisado não foram inseridos NRs.

em frente às câmeras deve estar concisa com as demais etapas, estando já organizada a indumentária e o roteiro para interação com os recursos semióticos inseridos (verbais e não-verbais). O roteiro da tradução do texto separou a gravação da tradução por parágrafos, limitando cada arquivo de vídeo à seguinte estrutura: parágrafo, nota de rodapé, nota de tradução etc. O segundo momento compreende a finalização (pós-produção), o tratamento do texto sinalizado na edição, tendo o tradutor o cuidado de, tanto na montagem das ordens dos parágrafos quanto na revisão da sinalização, observar criteriosamente o acompanhamento da inserção de imagens e de outros elementos projetados no roteiro de tradução. Essa fase pode ser realizada por tradutores que tenham o conhecimento de programas de edição de vídeos como o *Adobe Premiere*, *Sony Vegas* ou até mesmo *Movie Maker*. O vídeo analisado foi editado com o programa *Adobe Premiere* na Universidade Federal do Paraná⁹.

A tradução do texto de 16 páginas necessitou de duas semanas para estudo, pesquisa, pré-tradução e elaboração do roteiro de tradução (em torno de 30h diluídas); três dias de gravação e três dias de edição, revisão e finalização totalizando uma média de 70h de trabalho. O material final tem o total de 58min45s disponível na plataforma do Youtube¹⁰ no canal Tradução em Libras na UFPR.

2. Considerações finais

Há uma necessidade urgente de constituirmos materiais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para todos os níveis e etapas de ensino, abrindo um campo de trabalho fecundo nessa temática de pesquisa que trata da tradução.

Este trabalho teve como objetivo contribuir para a descrição de metodologia específica para tradução e para a produção de materiais bilíngues para a comunidade surda acadêmica. Como resposta ao nosso problema de pesquisa de descrever quais seriam as contribuições metodológicas do letramento bilíngue na composição de traduções em Libras no suporte vídeo,

⁹ Na UFPR, desde o segundo semestre de 2016 a Coordenação do Curso de Letras Libras conta com um servidor técnico-administrativo, programador visual, responsável pela identidade visual do curso e pela edição dos vídeos traduzidos na instituição. A edição do vídeo analisado neste trabalho foi realizada pela estagiária do curso de História, Memória e Imagem Camila Vieira, com uso do roteiro de edição entregue pelo tradutor.

¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2qwuTzI>.

apontamos a importância de metodologias de tradução que considerem aspectos da interação semiótica verbal e não-verbal para o processo de leitura dos acadêmicos surdos.

O registro em videolibras amplia as possibilidades dos tradutores de Língua Brasileira de Sinais refletirem sobre os diversos aspectos composicionais dos gêneros textuais sinalizados e das etapas que constituem um processo tradutório em videolibras.

Observamos neste trabalho, a partir de alguns conceitos tecidos no diálogo com os referenciais teóricos dos Estudos da Tradução e do letramento bilíngue, que a abordagem dialógica para o ato tradutório deve percorrer os sentidos sociocomunicacionais do gênero do texto-fonte, assim como suas características estruturais, utilizando-se de recursos semióticos de elementos verbais e não-verbais na constituição dos enunciados em videolibras.

Para esta pesquisa observamos também as potencialidades que o suporte vídeo oportuniza na tradução intermodal em Libras/LP, possibilitando maior liberdade de criação tradutória buscando uma relação de unidade de sentido significativo entre a língua-fonte e a língua-alvo, em consonância com a pedagogia surda centrada na experiência visual.

Os tradutores de língua de sinais atentos às diferenças intermodais de língua e de forma de registro, observantes das considerações da Norma Surda de Tradução, poderão contribuir significativamente para produções tradutórias, dialogizando com os mais diversos gêneros textuais estimulando a potencialidade das obras traduzidas em língua de sinais.

A metodologia apresentada visa a contribuir para o letramento acadêmico de estudantes surdos, ressaltando-se a importância de estimularmos pesquisas que propiciem a leitura teórica entre a tradução em videolibras e a multiplicidade de gêneros textuais produzida por esse suporte multimodal, enlaçando esse diálogo com outras temáticas como o letramento e a tradução, para assegurar direitos linguísticos das comunidades surdas sinalizantes.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A. *A tradução de literatura infantil para língua de sinais: os sentidos entre Leitura, Tradução e Contação*. In: ALMEIDA, A. ALBRES, N. A., RUSSO, A. (Orgs.). *Diálogos em estudos da tradução e interpretação de língua de sinais*, 1. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- AZEVEDO, M. de F. M. de; Santos, M. S. dos; Oliveira, Rúbia de. O uso da cor no ambiente de trabalho: uma ergonomia da percepção. *Ensaio de Ergonomia: Revista Virtual de Ergonomia*, Florianópolis, UFSC, jun. 2000.
- BAKHTIN, M M. *Estética da criação verbal*. 6. Ed; São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- BERMAN. A. A tradução e seus discursos. *ALEA*, v.11. jul/dez. p.341-353. 2009.
- BEZERRA, P. Tradução, arte e diálogo. UFF. *Bakhtiniana*, São Paulo, set/dez. 2015.
- BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o art. 18 da Lei nº10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 22 dez. 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, 2002.
- DIAS, E. MESQUITA, E. M. C. FINOTTI, L. H. B. OTONI, M. A. R. LIMA, M. C. ROCHA, M. A. F. Gêneros textuais e (ou) discursivos: uma questão de nomenclatura. *INTERAÇÕES* n. 19. pp. 14-155, 2011.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo. Parábola Editorial. 2009.
- FERNANDES, S.; MEDEIROS, J. Tradução de Libras no Ensino Superior: contribuições ao letramento acadêmico de estudantes surdos na Universidade Federal do Paraná. *INES. Revista Arqueiro*, n. 36. p. 100-117, jul/dez. 2017.
- FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. Políticas de Educação Bilíngue para os estudantes surdos. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 33, n. especial 3, p.127-150, dez. 2017.
- FERNANDES, S. *Educação bilíngue para surdos: identidade, diferença, contribuições e mistérios*. Dissertação (Doutorado em linguística) – UFPR, 2003.
- FERNANDES, S. *Educação de Surdos*. 2. ed. Curitiba: IBPEX, v. 1. 2011.
- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FLORES. G. Da tradução em sua crítica: Haroldo de Campos de Henri Meschonnic. Dossiê: Tradução como criação e crítica. *Revista Circulando*, São Paulo, ano IV, n. 5, setembro de 2016, Risco Editorial.
- FROTA M. P. Um balanço dos estudos da tradução no Brasil. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. XIX, p. 135-169, 2007.
- GALASSO, B. J. B.; LOPEZ. M. R. S.; SEVERINO. R., M.; TEIXEIRA. D. E. Processos de produção de materiais didáticos bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v. 24, n. 1, p. 59-72, jan-mar, 2018.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV*, v. 1 n. 1, João Pessoa, pp. 9-40, out/2003.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. *A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores*. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MEDEIROS, J.; LEMOS, R. FERNANDES, S. *A tradução Libras/Língua Portuguesa: uma contribuição para a inclusão de estudantes surdos do ensino superior na UFPR*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 12, v. 1, p. 2417-2428. 2015. ISSN 2176-1396.

MEDEIROS, J.; LEMOS, R.; FERNANDES, S. Tradução em vídeo libras: uma contribuição para estudantes surdos do Ensino Superior. In LEITE P, L.; MARTINS, S. E. S. O.; VILLELA, L. M (Orgs.). *Recursos de acessibilidade aplicados ao Ensino Superior*. 2. ed. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Editora, 2017.

NASCIMENTO, V. *Interpretação da Língua Brasileira de Sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo visuais na produção de sentidos*. Discurso, 2012 (Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_discurso_nascimento.pdf>).

NORD. C. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Trad. e adapt. ZISPSE, M. E. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

QUADROS, R. M. *O tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008. p. 168-207.

RIGO, S.N. Tradução de textos acadêmicos de português para Língua Brasileira de Sinais: o emprego de elementos do design editorial como soluções tradutórias. *Translatio*, Porto Alegre, 15 de julho de 2018. Acesso em: 11 out. 2018.

RONAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 7. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SEGALA, R. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (Tradução) Centro de Comunicação e Expressão Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. UFSC, 2010.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R. M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a Libras oral. *Cadernos de Tradução*, v. 35, p. 354-386, 2015.

SILVA, F. M. A materializade da cor. *ART.TEXTOS*, v. 2. Set. 2006.

SKLIAR C. A.; DUSCHATZKY. Os nomes dos outros: Reflexões sobre os usos escolares da diversidade. *Educação X Realidade*, 25 (2): 163-177, jul/dez. 2000.

SOBRAL, A. *Dizer o “mesmo” a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Special Book Services, 2008.

SOUZA, S. X. A norma surda de tradução em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: o caso do curso de Letras-Libras da UFSC. In: II CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS, 2010, Florianópolis-SC. *Anais ...*, 2010.

SOUZA, S. X. *Percepções da norma surda de tradução no Brasil: o caso do curso de Letras-Libras da UFSC*. In: QUADROS, R. M; STUMPF, M. R; LEITE, T. A. (Orgs.) *Estudos da Língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis: Insular, 2013 p.153-182.

SOUZA, J. P. Teoria da tradução integrada. *Rev. de Letras*, n. 20, v. 1/2, jan/dez. 1998.

ZUMPARO, A. A angústia da interface. In CORSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. W. (Orgs.) *Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.